

AMSTERDAM STORIES USA / 2012

Um filme de ROB ROMBOUT e ROGIER VAN ECK

Realização e argumento: Rob Rombout e Rogier Van Eck / *Direção de fotografia:* Benjamin Wolf (Ben Wolf) / *Som:* Colin Bannon Matthew J. Menter, Trevor Cohen / *Montagem de som:* Guillaume Berg, Nasrine Sadraee / *Misturas:* Rainier Buidin / *Montagem:* Fanny Roussel, Alice de Matha, Frédéric Dupont / *Música original:* Hughes Maréchal / *Com (por ordem de aparição):* Edgar Oliver, Rick Salazar, Brom Cole, Elinor Tatum, Tony Jr., Michael Botwinick, William Staats, Len Tantillo, Bob Cudmore, Susan Phemister, Stephen Haven, Linda Morell, Lee McCoy, Robert Pebbles Jr., Cheryl Pebbles, Russell Banks, Cindy & Cathy Kelly, Marty Wright, Walt Prysilla, Dennis Gallagher, Jarrod Teeters, David Teeters, Dustin Teeters, Adrian Cronauer, Katherine Camper Harris, Mary-Anne Roder Obensemart, Leigh Lacy, Walter Lacy, Nickie Zeakes Hawkins, Jack Wingate, Jacquelyn Wingate, Jackson F. Wingate-Ruff, Sheriff Wiley Griffin, Myron Mixon, Frank & Jesse James, Kevin Hollis, Helen Brooks, Val McKnight, Nancy Duren, William D. Montgomery, Charles Evers, Jacqueline Salen, Johan Salen, Derek W. Shoobridge, Bob Johnson, Raymond E. Cotner Junior Andy, Shaffer Mary, Faye Shaffer Sven, Amsterdam Pauline, Williams Nancy, Stoll Mike, Caucutt Brian, Beard Kit Mayer, Kathryn Mayer, Timothy Jacobson, Napoléon Bonaparte, Ray Bassett, Sabrina Brie Hendersen, Steven Thomas, Phil Scrivener, John Toenyes, Pastor Jack, Chesney Sherman, Robert Amsterdam, Alex Kunkle, Don Peeters, Gerrit Peeters, o povo de Shoshone Paiute Reservation, Veronica Alvarado, Moon Asked, Peter Cook.

Produção: Saga Film (Bélgica, Estados Unidos da América, 2012), em coprodução com Wallonie Image Production (WIP) Pieter Van Huystee Film, RTBF Belgian television / Produtores: Hubert Toint, Jean-Jacques Neira / Co-produtor: Wilbur Leguèbe (RTBF) / Produtora executiva: Marie-Sophie Volkenner / Assistência de produção: Charlotte Duliere / Pós-produção de imagem: Studio Equipe / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e francês, legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 360 minutos (divididos em quatro partes de 90 minutos) / *Estreia:* novembro de 2012, Festival de Documentário de Amesterdão (IDFA) / *Estreia nacional:* abril de 2013, festival IndieLisboa / *Primeira exibição na Cinemateca.*

NOTA: o filme AMSTERDAM STORIES USA tem seis horas de duração e, como tal, está dividido em quatro capítulos (ESTE, SUL, MIDWEST e OESTE). A sua apresentação, no dia 20 de setembro, acontecerá em duas partes: às 15h30 serão exibidos os dois primeiros capítulos, às 20h00 serão exibidos os dois últimos. Rob Rombout estará presente e irá apresentar as duas sessões. No intervalo, a Embaixada dos Países Baixos em Portugal oferece um beberete no âmbito das comemorações dos 750 anos da fundação da cidade de Amesterdão, que se comemoram em 2025.

Em diálogo com a exposição *On The Road* patente na Cinemateca, inaugurada na passada quinta-feira, dia 18, e visitável até ao final de outubro, apresenta-se um pequeno programa dedicado ao trabalho de Rob Rombout como documentarista, mas também como professor. Este ciclo abre, como não podia deixar de ser, com aquela que é a sua *magnum opus*, **Amsterdam Stories USA** (filme corealizado com Rogier van Eck). Sob o signo da estrada, e em antecipação desta exposição e deste programa, o realizador escolheu uma série de *road movies* que, de algum modo, foram marcantes para o seu percurso, não necessariamente como realizador, mas como espectador (essa lista deu origem a uma coleção na página da Cinemateca no Letterboxd). Dessa seleção é possível identificar alguns filmes que, de forma evidente, ajudam a enformar o filme que agora se apresenta. São eles: **Route One/USA** (1989), o filme que marcou o regresso de Robert Kramer à sua América natal (depois de uma década de autoimposto exílio), e **Sans soleil** (1983), o filme-ensaio que Chris Marker fez entre a Guiné-Bissau e o Japão, passando pela Islândia e os Estados Unidos. Estes dois filmes ajudam a compreender a proposta e a abordagem de Rombout e van Eck: de Kramer trazem o pretexto conceptual e a monumentalidade programática (no caso do americano, era percorrer por completo a famosa Route One e os seus quase 4 mil quilómetros num filme com mais de quatro horas), de Chris Marker preservam a dimensão meditativa sobre a experiência da viagem e o desprendimento face à indexação das imagens documentais ao real.

Nesse sentido, o arranque do filme é bastante elucidativo daquilo que são os propósitos da dupla. Os cartões do genérico inicial falam de "Amsterdam" não como um lugar mas, primeiro, como uma "palavra" e, depois, como uma "geografia imaginária". Pouco depois aparece uma citação de Andy Warhol como epígrafe, "Toda a gente tem a sua própria América, e depois têm pedaços de uma América de fantasia, que acham que existe, mas que não conseguem ver". Logo depois surge a primeira personagem, Edgar Oliver (que a narração compara a Hannibal Lecter, mas a aparência é de Peter Lorre), poeta, pintor e *performer* que lança sobre o filme uma aura de mistério, impondo no documentário o espectro da ficção. A partir destes três elementos começam-se a revelar os motivos que guiaram Rombout e van Eck: a investigação do mito da América, a análise da bagagem sociocultural de um lugar, os ecos da cultura de massas na paisagem e nas vivências, o poder da fantasia na construção das percepções da realidade. Ainda em jeito de introdução, pela voz de Rogier van Eck, é-nos explicado que "Amesterdão é mais do que uma cidade, mais do que um símbolo das nossas origens batávias, é antes de tudo um instrumento", entenda-se, é um instrumento de perscrutação da América e de progressão narrativa – é simultaneamente

uma desculpa e um modo de agir. Pouco depois, a voz de Rob Rombout esclarece, “a nossa investigação em torno de Amesterdão não começou aqui. Já participámos noutras expedições.” E eis que surgem imagens, com a característica textura do vídeo, de um projeto anterior da dupla: **Amsterdam via Amsterdam**, média metragem de 1997. **Amsterdam Stories USA** é, em certa medida, a continuação desse filme (ou esse filme é um ensaio para **Amsterdam Stories USA**), isto porque, aí, a dupla já partia do mesmo espírito taxonómico e da mesma preocupação com os pontos cardeais.

Em **Amsterdam via Amsterdam** os dois realizadores haviam zarpado da capital dos Países Baixos em direção a duas ilhas homónimas (isto é, igualmente chamadas Amesterdão), uma no extremo sul da Antártida, outra no extremo norte dos mares da Noruega. Em **Amsterdam Stories USA** fazem um percurso da costa a costa, pelos Estados Unidos da América, percorrendo quinze localidades de nomes “Amsterdam”. Na verdade, a ideia de filmar este *road movie* (o primeiro, para ser rigoroso, era um *sea movie* – como lhe chamou Rombout) surgiu quando os realizadores foram aos EUA apresentar o filme de 1997 e se aperceberam não só da existência de várias cidades e vilas com o nome “Amsterdam”, como que estas estavam dispostas no território americano de tal forma que convidavam a um percurso linear, de Oeste para Este e de Norte para Sul. Com este mapa (literal e conceptual) a dupla organizou uma rodagem em quatro visitas, cada qual estendendo-se ao longo de seis semanas. Assim, ao fim de dois anos de filmagens, o filme revelou-se numa estrutura cardeal, em quatro partes de igual duração: Este (nas “Amesterdãos” dos estados de Nova Iorque, antiga “New Amsterdam”, Pensilvânia e Ohio), Sul (nos estados da Virgínia, Geórgia, Mississippi e Texas), Midwest (nos estados do Indiana, Wisconsin, Iowa e Missouri) e, por fim, Oeste (nos estados do Montana, Idaho e Califórnia) – ainda que esta não tenha sido a ordem da rodagem, que começou pelas duas costas e só depois se dedicou aos estados do interior rural.

O resultado deste levantamento é, em primeiro lugar, a consciência da expansão dos colonos holandeses pelo mundo que, chegando a novas terras (nos vastos e desérticos EUA, mas também em África, na América do Sul e um pouco por todo o mundo), firmavam a sua origem através do nome das cidades que fundavam. Contudo, estamos muito longe de um filme focado nas preocupações pós-coloniais e na reescrita histórica sobre o legado colonial holandês (sobre esse assunto, Rob Rombout já havia feito **Pas de cadeau pour Noël**, de 1986, que ativamente se questionava sobre ao modo de conhecer/entrevistar o “outro” evitando os mecanismos opressivos do cinema colonial), **Amsterdam Stories USA** é, antes de mais, um filme sobre o presente, sobre a América no final da primeira década do novo milénio. Não é por acaso que a palavra “stories” surge no título. A proposta de Rombout e van Eck é, justamente, percorrer o trilho ziguezagueante das “Amsterdams” americanas com a disponibilidade de se encontrarem com personagens pitorescas (ou tornadas pitorescas pela “*mise en scène* do real”) que com eles partilhem as suas histórias. Nas quinze localidades os realizadores recolheram mais de meia centena de “histórias”, ora contadas por pessoas individuais, ora por casais e famílias. O que se subentende desta atitude é que, para a dupla, filmar um lugar implica, necessariamente, filmar as pessoas que o habitam. Este não é um cinema estritamente paisagístico (como, por exemplo, James Benning que frequentou algumas das mesmas localidades), é um cinema dos lugares, em toda a sua dimensão social e cultural. Filmar uma aldeia, vila ou pequena cidade é filmar a sua urbanidade, é retratar os modos de vida, as perspetivas de futuro (o sonho americano, que os realizadores-entrevistadores várias vezes questionam), as ideias que se têm sobre si, sobre o seu lugar e sobre o seu país. E, claro, tal tipo de abordagem não pode deixar de perscrutar as questões que definem a América contemporânea: as diferenças de classe, o subdesenvolvimento das áreas rurais e interiores, a desagregação social provocada pelo desemprego, a decadência da “cintura industrial”, a desertificação, os impactos das mudanças climáticas na paisagem e nos modos tradicionais de subsistência, o espectro do esclavagismo e as suas ressonâncias de descriminação estrutural, o legado ancestral dos americanos “nativos”, a omnipresença da moral religiosa e do neoconservadorismo, a fronteira a sul e as tensões com a imigração hispânica, etc.

O gigantismo do projeto, a sua ambição em termos de duração, de exaustividade e de recolha panorâmica das várias facetas da América oferece uma radiografia detalhada daquele que é, porventura, um dos mais poliédricos países do mundo. Mas os realizadores não se ficam pelo efeito cumulativo, eles procuram, ativamente, enfrentar, corroborar ou contrariar os mitos que dão forma à iconografia da América. Mitos e ícones construídos sobretudo pelas outras formas de expressão artística: a literatura (o encontro com Russell Banks), a pintura (vários são os quadros, os retratos, as molduras que aparecem no filme), depois a fotografia (a belíssima sequência em torno do trabalho de Walker Evans), a música e, claro, o próprio cinema (para não ir mais longe, a entrevista com o radialista que inspirou o **Good Morning, Vietnam** é bastante elucidativa desse desejo de revisitação – revogação – da imagem idealizada da *americana*). Há, na multiplicação de histórias, de imagens (e contraimagens), de personagens e de vozes um efeito coral que pretende construir um registo polifónico da diversidade desse país-continento chamado Estados Unidos da América. Esse tem sido o propósito de vários cineastas (muitos deles europeus...) desde o pós-Guerra. Porém, talvez nenhum deles tenha conseguido, como Rob Rombout e Rogier van Eck, produzir um repositório tão completo e fresco (nos dois sentidos da palavra) do que é essa “América de fantasia que existe mas não se vê”.